

---

---

## A PERCEPÇÃO DA PARENTALIDADE DE CÔNJUGES ENGAJADOS EM CASAMENTOS DE LONGA DURAÇÃO<sup>1</sup>

Talita Cristina Grizólio

Fabio Scorsolini-Comin<sup>2</sup>

*Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, Brasil*

Manoel Antônio dos Santos

*Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil*

**RESUMO.** Tendo em vista o debate cada vez mais contemporâneo acerca das relações entre parentalidade e conjugalidade, o objetivo deste estudo foi compreender a percepção da parentalidade de cônjuges engajados em casamentos de longa duração. Foram entrevistados 25 casais unidos, em média, havia 39,5 anos, com média de idade de 64,1 anos e com três a quatro filhos. A partir de entrevistas audiogravadas e submetidas à análise de conteúdo, os resultados destacaram a parentalidade como sinônimo de apoio, responsabilidade e aprendizado para o casal, como forma de oferecer bom exemplo para os descendentes e também como atributo a ser admirado no parceiro. Conclui-se que a parentalidade é percebida como uma exigência no processo de desenvolvimento dos casais longevos. A conjugalidade de longa duração repousa sobre alguns valores tradicionais, como a criação dos filhos com pouca experimentação de novos papéis e de possibilidades de releituras acerca do que é ser família.

**Palavras-chave:** Parentalidade; relações conjugais; aconselhamento conjugal.

## THE PERCEPTION OF PARENTING COUPLES ENGAGED IN LONG-TERM MARRIAGES

**ABSTRACT.** Given the increasingly contemporary debate about the relationship between parenthood and conjugality, this study aimed to understand the perception that spouses engaged in long-term marriages have about parenthood. A total of 25 couples were interviewed; they had been married for 39.5 years and were aged 64.1 years old on average, and had three to four children. Audio-recorded interviews with the parents were subjected to content analysis and results highlighted parenthood as synonymous with support, responsibility and learning for the couple, a way to be a good example for descendants, as well as an admirable attribute in a partner. It is concluded that parenthood is perceived as a requirement in the development process of couples engaged in long-term relationships. Long-term marriages rest on some traditional values, like the raising of children, with little experimentation of new parental roles and possibility to reinterpret what it means to be a family.

**Keywords:** Parenthood; marital relationships; marriage counseling.

## LA PERCEPCIÓN DE LA RELACIÓN PARENTAL DE CONYUGUES EN CASAMIENTOS DE LARGA DURACIÓN

**RESUMEN.** Teniendo en vista un debate cada vez más contemporáneo, con respecto a la relación entre parentalidad y conyugalidad, el objetivo de este estudio fue comprender la percepción sobre parentalidad de conyugues comprometidos en casamientos de larga duración. Fueron entrevistadas 25 parejas unidas en media a 39,5 años, con media de edad de 64,1 años teniendo entre tres a cuatro hijos. A partir de entrevistas audio

---

<sup>1</sup> *Apoio e financiamento:* Talita Cristina Grizólio recebeu bolsa de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Fabio Scorsolini Comin recebeu bolsa de Pós-Doutorado Júnior do CNPq (Processo 501391/2013-4); Manoel Antônio dos Santos recebeu bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1B (Processo 307677/2011-7).

<sup>2</sup> *E-mail:* fabioscorsolini@gmail.com

gravadas y sometidas a análisis de contenido, los resultados destacaron la parentalidad como sinónimo de apoyo, responsabilidad y aprendizaje para la pareja, a fin de ofrecer un buen ejemplo para los descendientes, pero también, como atributo a ser admirado en su cónyuge. Se concluye que la parentalidad es percibida como una exigencia en el proceso de desenvolvimiento de casamientos longevos. La conyugalidad de larga duración reposa sobre algunos valores tradicionales, como la creación de los hijos con poca experimentación de nuevos papeles y de posibilidades de relecturas acerca de lo que es ser familia.

**Palabras-clave:** Parentalidad; conyugalidad; casamiento de larga duración.

---

## Introdução

A parentalidade é um constructo complexo de se definir. Isso ocorre por sua natureza relacional e dependente do contexto sociocultural em que está sendo referida (Barroso & Machado, 2010). Zornig (2010) afirma que se trata de um termo de uso relativamente recente e que a psicologia se destaca em estudos a respeito da construção do ser pai e do ser mãe. A transição para a parentalidade geralmente é compreendida como um momento de crise no desenvolvimento, haja vista a necessidade de que um casal passe a desempenhar as funções parentais, o que envolve maior responsabilidade, assunção de novos papéis e promoção de um ajuste na configuração familiar.

Nesse sentido, ser pai ou ser mãe representa uma experiência que envolve incertezas e desafios, exigindo uma série de habilidades, recursos e flexibilidade para se lidar com as novas demandas que vão surgindo (Borsa & Nunes, 2011; Pratti & Koller, 2011). Tais mudanças não se restringem apenas à rotina de cuidados parentais e de preocupações de ordem material, mas também à inscrição afetiva do novo membro no seio familiar e à assunção de novos papéis sociais e construção dos vínculos (Benghozi, 2010).

A transição para a parentalidade, em termos normativos, ocorre após a transição para a conjugalidade, de modo que a assunção dos papéis parentais se dá em meio a uma estrutura anteriormente habitada exclusivamente pelo casal. Com a chegada de uma criança, o casal precisa promover diversos ajustes, demandando maior envolvimento emocional e desafios inerentes às tarefas de ser pai e mãe (Féres-Carneiro & Magalhães, 2014; Alby & Vives, 2015). Quando se pensa em casamentos de longa duração, ou seja, com mais de 30 anos, em geral o cuidado com os filhos deixa de ser uma atividade central e o casal entra em uma fase de maior tempo juntos, possivelmente com os filhos já fora de casa, quer seja estudando, trabalhando ou mesmo formando outros núcleos familiares. Entretanto muitos casamentos não sobrevivem à saída dos filhos de casa e, por conseguinte, podem culminar em divórcio (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004).

Contudo, mesmo com a dificuldade de enfrentar a saída dos filhos de casa, os casais longevos podem representar uma espécie de selo conjugal no contexto dos casamentos de longa duração, ao passo que, anos atrás, a continuidade do laço conjugal era algo muito valorizado, mesmo que se mantivesse de forma insatisfatória, como forma de servir de “exemplo” para os filhos, ou seja, de manutenção do contrato conjugal. É válido destacar que a regulamentação jurídica do divórcio no Brasil veio apenas com a lei 6.515, de 26 de dezembro de 1977, isto é, época bastante próxima do início dos laços dos atuais casais de longa duração.

Nesse sentido, o modelo de criação que um casal recebeu, suas influências culturais e históricas e, principalmente, suas referências familiares repercutirão diretamente no modo como criarão e educarão seus filhos. A conjugalidade dos pais possui uma ressonância direta na vida dos filhos, em termos psíquicos, o que pode, inclusive, contribuir no modo como esses filhos estabelecerão seus vínculos conjugais na vida adulta e também exercerão a parentalidade (Ziviani, Féres-Carneiro, Scorsolini-Comin & Santos, 2015). Bem e Wagner (2006) afirmam que, no processo amplo que é a função parental, provavelmente a educação dos filhos seja a mais complexa, pois o processo educativo normalmente se alicerça em determinados valores que pais e mães receberam e querem transmitir para seus filhos. Portanto, se esses valores não estiverem em consonância, podem gerar muitos conflitos entre o casal.

Sobre a percepção do papel da parentalidade em casamentos de longa duração, nota-se que a presença de filhos nesse contexto é bastante valorizada e presente, representando até mesmo a legitimação de uma relação. Em contraponto, Rios e Gomes (2009) trazem a ideia de que os casais atuais constroem seu espaço conjugal, pautando-se na aliança e na sexualidade e, posteriormente,

pensam na parentalidade, mas não como uma condição necessária, o que nos leva a perceber que, na contemporaneidade, o papel conjugal se sobressai em relação ao papel parental.

Os filhos, muitas vezes, encarnam o projeto de continuidade de uma família e a complementação da relação conjugal. Entretanto, na contemporaneidade, as relações estão cada vez mais fluidas, e o “eu” está sendo muito mais valorizado do que o “nós” (Féres-Carneiro & Magalhães, 2009). No que concerne ao “nós”, podemos também incluir a relação parental, além da conjugal e, nesse sentido, está havendo uma transição progressiva para o aumento do número de divórcios e diminuição do número de filhos. A partir de tais movimentos, as relações entre parentalidade e conjugalidade vêm sendo estudadas no campo da psicologia de família como forma de compreendermos tanto os arranjos observados na contemporaneidade como investigarmos as transformações em vigência, o que reforça a pesquisa científica como um *locus* necessário para a compreensão desse cenário de perene mutação e reinvenção (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2013).

Os casamentos longevos vêm sendo investigados, sobretudo, em relação às motivações para a manutenção desses relacionamentos ao longo do tempo, além de aspectos como resolução de conflitos e práticas de cuidado em saúde (Costa & Mosmann, 2015; Landis, Peter-Wight, Martin & Bodenmann, 2013; Norgren et al., 2004; Sandberg, Miller, Harper, Robila & Davey, 2009). Entre os motivos elencados para a manutenção do casamento, a parentalidade emerge como uma categoria explicativa não no sentido de oferecer suporte ao desenvolvimento dos filhos (haja vista que os filhos já se encontram na fase adulta), mas de proporcionar modelos de referência do que é ser um casal, uma vez que esses filhos já se encontram nas fases de transição para a conjugalidade e para a parentalidade. O que pontuamos é que muito pouco tem sido investigado sobre a percepção do papel da parentalidade nesses relacionamentos longevos. A partir desse panorama, o objetivo deste estudo é compreender a percepção da parentalidade de cônjuges engajados em casamentos de longa duração.

## Método

### Tipo de estudo

Trata-se de um estudo exploratório, de corte transversal, amparado na abordagem qualitativa de pesquisa. Este estudo é parte de um projeto mais amplo que tem como propósito compreender as diversas facetas dos casamentos de longa duração (como conjugalidade, parentalidade, estratégias de resolução de conflitos, recursos pessoais) e que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem dos autores.

### Participantes

Foram entrevistados 25 casais heterossexuais, unidos consensualmente (união civil ou estável) havia, no mínimo, 30 anos, sem terem se separado e sem estarem em processo de separação conjugal e com pelo menos um filho. Esses casais eram provenientes de cidades do interior dos Estados de Minas Gerais e São Paulo. Os casais estavam unidos, em média, havia 39,5 anos (DP = 6,76), variando entre 32 e 53 anos de casamento. A média de idade foi de 64,1 anos (DP = 13,26), variando de 51 a 82 anos de idade. A média de filhos foi de três a quatro.

### Instrumentos

Foram empregados os seguintes instrumentos: (a) técnica da história oral de vida, para permitir uma expressão da memória que valoriza o modo singular de construção das histórias e das experiências de cada indivíduo (Meihy & Holanda, 2010); (b) entrevista semiestruturada com cada cônjuge; (c) entrevista semiestruturada com o casal, para obtermos informações básicas como idade, escolaridade, religião e número de filhos e abrangendo questões como a transição da vida de solteiro para a vida de casado, a construção da intimidade do casal e as estratégias utilizadas para enfrentar

os desafios e as dificuldades; e (d) diário de campo, um modo complementar de observarmos a interação e o comportamento dos cônjuges no momento das entrevistas.

## Procedimento

**Coleta de dados.** Os possíveis participantes foram abordados a partir de contatos da rede social dos pesquisadores. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, demos início às entrevistas, realizadas uma única vez com cada casal. Inicialmente entrevistamos cada cônjuge separadamente e, em seguida, realizamos a entrevista com ambos, resultando em um total de três entrevistas por casal, totalizando 75 entrevistas. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e literalmente para a composição do *corpus* deste estudo.

**Análise dos dados.** A análise dos dados das entrevistas foi desenvolvida por meio da técnica de análise de conteúdo (Turato, 2003). Foram construídas categorias analíticas a partir de sua recorrência nos relatos dos cônjuges, resultando em três eixos temáticos principais: (a) filhos como sinônimo de apoio, responsabilidade e aprendizado para o casal; (b) exigências do exercício da parentalidade para com os descendentes; (c) exercício da parentalidade como dimensão a ser admirada pelo parceiro. Esses eixos serão descritos e discutidos na seção de resultados e discussão, a partir da literatura científica acerca da parentalidade e da conjugalidade de longa duração.

## Resultados e Discussão

### Filhos como sinônimo de apoio, responsabilidade e aprendizado para o casal

Nesse eixo, a existência dos filhos é compreendida como sinônimo de apoio, responsabilidade e oportunidade de aprendizado para o casal. Esses aspectos nem sempre estão associados a movimentos positivos, observados na família, mas podem se relacionar a questões consideradas negativas para a conjugalidade, como o desejo de se divorciar. Nesse sentido, os filhos parecem representar, para alguns casais, um motivo para manterem-se unidos, destacando-se as possíveis dificuldades de dissolverem o vínculo conjugal pela presença dos mesmos. Desse modo, os filhos emergem como impeditivos para o rompimento da relação, justificando a manutenção do casamento, mesmo em circunstâncias em que a conjugalidade é de baixa qualidade. A existência de filhos pode dificultar, como observado na fala a seguir, o que podemos compreender como certa mobilidade, representada pelo divórcio: ao se ter filhos, o processo de se divorciar ou mesmo de cogitar esse afastamento acaba sendo comprometido.

Muitas vezes, os filhos que seguram um casamento, eu acho. Porque se eu não tivesse filho, então tá livre, né, tipo assim meio livre, um pra lá, um pra cá, eu acho mais fácil ir um pra lá e um pra cá, no caso, se não tivesse filho (Esposa 1, 51 anos).

Na presente amostra, as exigências relacionadas à criação dos filhos podem ser compreendidas como dificultadoras das experiências conjugais, de modo a sustentar a permanência na relação conjugal exclusivamente pela presença dos filhos. Temos que considerar, também, que essas falas aparecem mais associadas às mulheres, de modo que a preocupação com o lar e com o ambiente doméstico do cuidado ainda parece estar muito relacionada ao gênero.

Em um movimento diferente, a parentalidade também surge como um fenômeno que dá sentido à própria existência. Jablonski (2010) aponta que a definição de família vem se transformando e que o modelo herdado dos anos 1950, que se caracteriza por uma divisão de papéis em que o homem ocupa um lugar de provedor material e a mulher, de responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, parece estar deixando de ser hegemônico. Apesar de haver diversas mudanças, ainda se encontram constituições familiares em que essa divisão tradicional é bastante definidora das relações e papéis conjugais, especialmente em casamentos de longa duração.

Ainda podemos perceber a indispensável presença dos filhos como sinal de que um casamento foi bem-sucedido, à medida que a falta desses indicaria o fracasso certo da relação e a iminente

separação do casal. Nesse caso, a parentalidade funciona como mantenedora do laço conjugal. Alguns participantes, como destacado a seguir, mencionam a existência dos filhos não necessariamente como algo que manteria o casamento, mas sim como um aspecto que protegeria os genitores da solidão, gerando uma rede de apoio constante e dentro do próprio lar. Os filhos ocupariam, desse modo, uma função de companheirismo:

Olha, tem uma coisa. Eu não, é... capaz de ficar sozinha. Eu tenho muito medo de solidão". Então cada filho que vinha, eu sentia que "Se esse aqui casá, eu tenho o outro, se esse aqui fô embora eu tenho o outro", pensava assim, sabe? E agora foro [risos], mas conservamos né? [risos] Então isso é muito gratificante, né? (Esposa 08, 70 anos).

A importância atribuída à presença de filhos em casamentos de longa duração é quase uma unanimidade na amostra investigada e ocupa um espaço muito importante na vida do casal. Em cada relação os filhos são significados de acordo com as expectativas dos pais para com o exercício da parentalidade. Neste caso, os filhos são vistos como uma companhia, ou um modo de se prevenir a solidão e, com isso, quanto mais filhos, mais chances de tão logo não ficar sozinho e desamparado. Com isso, a parentalidade assume um papel de proporcionar constantemente uma companhia para o casal. Contemporaneamente, a parentalidade vem sendo questionada como uma noção que nem sempre vem associada, inequivocamente, à conjugalidade (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2013). São cada vez mais expressivos os arranjos nos quais a ideia de ser pai e mãe não aparece como algo necessário à legitimação da conjugalidade, o que se expressa claramente nos casais sem filhos por opção.

Retomando a ideia de Norgren et al. (2004), os casais de longa duração, segundo a literatura, geralmente ficam com mais tempo para conviverem apenas a dois em razão da saída dos filhos de casa e, em alguns casos, o casal pode não sobreviver a essa saída e a essa convivência mais direta do par. Isso pode ocorrer em razão de, muitas vezes, os pais colocarem diversas expectativas nos filhos, dentre elas, a de servirem de companhia, o que não é nutrido em relação ao próprio casal. Observamos, nesses casos, que a parentalidade assume importância maior que a do próprio casamento, de modo a proporcionar aprendizados e desenvolvimento ao longo do tempo, como relatado no excerto a seguir:

Como se diz, os próprios filhos servem, vamos dizer assim, de instrumento de aprendizagem, né? Dá uma cara nova à vida, porque, é..., casou, então cada ano que passa você vai tendo novas experiência, que antes cê num tinha, né? Criar um filho, por um filho na escola, levar um filho no, no... no médico, né? São experiência nova que cê tem... Os filhos ajudam a crescer, como se diz, a responsabilidade, a convivência, então tudo isso os filhos ajudam, sabe? (Marido 08, 75 anos).

Como dito anteriormente, a parentalidade assume diferentes facetas de acordo com as experiências de cada família e, nesse caso, a filiação trouxe diversos aprendizados e novas experiências ao casal. Quando se têm filhos, várias mudanças ocorrem na rotina, no modo de se conviver e de ver o mundo. Ações que podem aparentemente parecer simples, como levar os filhos à escola, ao médico ou mesmo a um parque de diversões, ensejam experiências de muito aprendizado. A parentalidade convoca os pais a um lugar de responsabilidade, afinal eles terão papel essencial na vida dos filhos e devem agir de modo a passar confiança e segurança para eles. Aqui retomamos a ideia de Bem e Wagner (2006), que afirmam que ser pai e mãe é um processo bastante complexo e que dependerá bastante das influências familiares. Além disso, é importante ressaltar que os pais devem ser flexíveis e saber articular discussões para poderem chegar a um consenso sobre o melhor modo de criar seus filhos.

Ter filho é complicado, ter filho é problemático? É. Mas eu sou a favor. Os casais têm que ter filho. Têm que ter família. Porque ficar só o casal, parece que... não é uma família. Família tem que completar é com os filhos (Esposa 9, 71 anos).

Apesar de o exercício da parentalidade requerer dos pais muito esforço e dedicação, no trecho anterior estão contidas ideias de que não há família, se não houver filhos, de modo que a parentalidade

assume papel primordial no estabelecimento e manutenção da conjugalidade. A parentalidade aqui assume o papel de dimensão formadora genuína da própria família. Com isso, podemos inferir que os filhos ocupam papéis diversos e essenciais principalmente em casamentos de longa duração. Nesse caso, a própria instituição família é colocada em xeque se esta não contemplar a existência de filhos, o que é evidenciado na presente amostra.

Retomando a literatura, uma discussão importante faz referência às transformações no conceito de família, experienciadas desde a segunda metade do século XX. Diferentes arranjos familiares têm emergido e obrigado tanto a sociedade como a ciência a uma compreensão mais ampla do que vem a ser, de fato, uma família (Féres-Carneiro & Magalhães, 2014; Alby & Vives, 2015; Zornig, 2010). Os casais entrevistados, por exemplo, a todo o momento são confrontados a refletir sobre as mudanças observadas nas famílias “de hoje”, o que pode ser notado quando observam os casamentos dos próprios filhos e o modo como coordenam suas rotinas conjugal e parental.

Embora os casais sem filhos por opção sejam uma realidade cada vez maior no cenário internacional, por exemplo, os casais participantes deste estudo parecem associar conjugalidade e parentalidade de modo unívoco, ou seja, não haveria conjugalidade sem parentalidade. A dimensão conjugal seria completada pela assunção da parentalidade, possibilitando a construção de uma família de fato. Ser família, para os casais entrevistados, seria não apenas constituir um casal e assegurar uma relação estável e satisfatória ao longo dos anos, mas agregar filhos ao núcleo doméstico, para que se possam proporcionar diversas experiências de vida em família. Essa visão mais tradicional de família também foi encontrada em outra amostra de casais de longa duração (Costa & Mosmann, 2015), sugerindo posições consideradas engessadas em relação às mudanças nesse sistema.

Rios e Gomes (2009) apresentam a ideia de que os casais atuais estão indo ao encontro de espaços conjugais que sejam pautados na aliança e na sexualidade e não necessariamente na parentalidade. Contudo o que notamos ainda é uma grande valorização de filhos como parte do casamento e também uma visão bastante tradicionalista de cuidado na relação estabelecida com os filhos, em detrimento de uma vida conjugal dedicada ao trabalho (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2013). Essa visão mais tradicional e que interliga casamento e parentalidade pode ser explicitada no trecho a seguir:

Filho é a coisa melhor que a gente tem... Porque você sem filho não é nada. Casal sem filho é muito triste... Você largar um pra arranjar outro, tem que ficar com o pai de seus filhos e viver. Tocar o barco (Esposa 11, 57 anos).

Os filhos, nesse caso, assumem papel de preenchimento da vivência parental, dando sentido à própria vida dos pais. Além dessa dimensão de busca da completude existencial, o trecho destacado releva a importância que a esposa atribui ao ato de dar continuidade ao casamento por meio dos filhos, colocando em destaque a união parental para ela. Desse modo, podemos concluir que os casais longevos atribuem à parentalidade a tarefa de preencher as possíveis lacunas existentes em uma relação de casal. Tais lacunas e necessidades não poderiam ser assumidas como falhas ou características do próprio casamento, mas sim por vicissitudes que podem ser pela presença de filhos, o que traria à baila novos desafios e aprendizados. Com isso, observamos não uma conjugalidade esvaziada, pelo contrário, uma nutrida pelos filhos, que acrescentariam ao universo conjugal um elemento indispensável para sua transformação, na transição do ser casal para o ser pai e mãe, o que teria um significado mais amplo em termos de experiência de vida, como narrado pelos participantes.

Nesse ponto é importante ressaltarmos que a presença de filhos em casamentos é tão valorizada, principalmente em casais longevos, que a escolha por não ter filhos pode representar um estigma social ou uma identidade desviante, em que a pessoa até mesmo pode ser interpretada como anormal, patológica, egoísta, chegando a ser considerada até mesmo uma falta com relação ao dever cívico (Rios & Gomes, 2009).

### **Exigências do exercício da parentalidade para com os descendentes**

Como vimos anteriormente, a existência de filhos nem sempre visa preencher uma lacuna aberta pela conjugalidade, no sentido de complementar a relação a dois. A parentalidade traz consigo uma carga de exigências de afeto, cuidado e responsabilidade que deve ser administrada pelo casal, podendo

representar uma fonte de conflitos entre os pares e mesmo uma situação na qual seja necessário dialogar sobre a melhor forma de resolver as demandas que emergem a partir do nascimento dos filhos. Como afirmado na literatura sobre conjugalidade, a parentalidade convoca os pais a buscarem suas referências acerca do que é ser família, do que é cuidar e do modo como os modelos familiares herdados serão negociados na criação de um filho (Alby & Vives, 2015; Benghozi, 2010; Féres-Carneiro & Magalhães, 2014). O modo como o casal educará um filho, por exemplo, faz referência às famílias de origem de ambos os cônjuges, de modo que esses modelos herdados deverão ser colocados em prática de modo a abarcar características de ambos os genitores (Ziviani et al., 2015). O que ocorre, muitas vezes, é que os modelos herdados nem sempre são compatíveis, o que pode levar os cônjuges à necessidade de resolver esse conflito, o que pode se dar por meio do diálogo.

Filho interfere no casamento o seguinte: às vezes alguma desavença que tem entre o casal é pelos filhos. Porque a mãe você sabe como é que é, a mãe sempre é mais dos filhos do que o pai. Já tem o ditado que mãe é uma só, pai é qualquer um, né, mas sempre tem alguma interferência do filho, dos filhos com os pais, pra mim... eu acho que é nesse sentido. Numa repreensão às vezes o pai repreende de um jeito e a mãe apoia de outro, então às vezes tem uma interferência nesse sentido. Quer dizer, eu não tenho mais esse tipo de coisa, que eu não tenho mais filho pequeno, o caçula ontem fez 22 anos, então já não tem mais esse tipo de coisa (Marido 02, 57 anos)

O lugar ocupado pelos filhos dentro de uma família, além de trazer alegria, aprendizado e responsabilidade, também pode oportunizar alguns conflitos que desencadeiam dissensões e desentendimentos entre os pais. Isso ocorre em razão de diversos fatores, tais como as divergências sobre o modo de educar, tratar, lidar ou mesmo amar os filhos. No caso, o Marido 2 sente que os filhos podem interferir na dinâmica do casal por conta da não concordância entre os pares sobre o modo de repreender os filhos; afinal, essa divergência pode culminar no afrouxamento da autoridade de alguma das partes e, com isso, potencializar conflitos.

Como afirmado por Bem e Wagner (2006), uma das atividades mais difíceis para um casal é o modo como educará seus filhos. De acordo com Hintz e Baginski (2012), a transição para a parentalidade de casais que esperam pelo primeiro filho é uma das melhores sínteses para a palavra crise, por evidenciar justamente esse período singular na vida do casal que exigirá discussões e flexibilidade em momentos de decisão.

Então você tem que dar condição pra você criar seus filhos, numa estrutura que eles possam, por si, caminhar depois. Porque os filhos vêm através de vós, mas não vos pertence. Então nós estamos dando essa estrutura, nessa base, sabe? Para que, mais na frente, cada um se... vá mais pra frente, mas com estrutura pra continuar, sabe. Eu falo: "Oh, não quero que meus filhos tenham um casamento de 32 anos, de 40 anos, não". Eu quero que eles sejam felizes e que eles tenham estrutura, mas que eles sejam exemplo (Marido 12, 64 anos).

Na percepção dos entrevistados, ser responsável por alguém implica um exercício de esforço concentrado, dedicação extrema, coerência e amor. A parentalidade carrega consigo uma carga de responsabilidade, pois envolve o desejo de ver o outro bem. No excerto de fala apresentado podemos notar que o papel parental se enquadra no âmbito do exemplo moral. É preciso ser modelo para que os filhos possam ter uma base, uma estrutura para lidar com os percalços da vida. Em relação à transmissão de valores relacionados à conjugalidade, percebemos que os entrevistados não manifestam o desejo de que os filhos também se engajem em relacionamentos longevos, mas que sejam "felizes", o que nos permite concluir que os modelos familiares podem ser transmitidos sem que sejam, no entanto, copiados (Benghozi, 2010). As experiências conjugais dos filhos não precisariam, nesse sentido, repetir as dos pais, mas devem proporcionar a necessária satisfação, o que nem sempre está associado à manutenção de um relacionamento de longa duração. Servir de exemplo ultrapassaria a consideração de ser um emblema de casamento bem-sucedido, mas fundamentalmente um expoente de valores, modos de ser e de ter "felicidade" e realização pessoal.

A gente sabe que, muitas vezes, hoje, principalmente em decorrência da própria situação econômica das pessoas, hoje a mulher necessita trabalhar. E eu vejo isso, muitas vezes, como

um... prejuízo pro casamento... pra família. Pra família. Porque a mulher acaba tendo que acumular essas duas funções, né? Acaba tendo que ser esse profissional, e acaba tendo que chegar em casa e ser a que faz a manutenção do lar, a manutenção dos filhos, e isso sobrecarrega muito a mulher, né? E essa sobrecarga que ela tem, muitas vezes vira estresse (Marido 13, 52 anos).

Os esforços para cuidar bem dos filhos, muitas vezes, representam uma meta indispensável para os pais. Eles trabalham em dois turnos, buscam empregos informais ou complementares, ou conciliam o trabalho registrado com outras atividades de renda para dar conta da educação dos filhos. Isso gera bastante estresse para os pais. Nesse âmbito, destacamos a fala de um marido que vê a modernização da sociedade, principalmente com a entrada da mulher no mercado de trabalho, como um empecilho ao exercício da parentalidade e da própria vida conjugal. Afinal, a mulher agora tem que dividir as tarefas de casa, como cuidar dos filhos, da casa e do marido, com um trabalho paralelo, no âmbito externo ao lar. Observamos, a partir dessa fala do Marido 13, um movimento no qual ainda pairam dúvidas sobre a necessidade de a mulher sair de casa e buscar seu desenvolvimento a partir de suas experiências no exercício de outros papéis que não exclusivamente os de esposa e de mãe, o que representa um posicionamento consagrado e que desconsidera toda uma gama de conquistas recentes da mulher.

A visão trazida por esse entrevistado recupera uma concepção tradicional de gênero, associando o feminino ao domínio do lar e da família. Logo, se há alguma dificuldade nesse âmbito, é tarefa da mulher saber solucioná-la, eximindo o homem de qualquer responsabilidade por esse universo. Esse movimento pode ter diferentes ressonâncias, como o fato de culpabilizar a mulher pelo modo com que os filhos são criados e educados, ocupando-a, ainda, da tarefa de zelar pela manutenção do lar e do próprio casamento (Féres-Carneiro & Magalhães, 2014).

Nesse caso, a parentalidade é vista muito mais como função da mulher do que do homem, o que representa uma visão arraigada de que a mulher deve se ater aos cuidados da casa e dos filhos, sendo essa uma função que não pode ser assumida pelo homem. Atualmente, as funções parentais parecem estar mais divididas e a mulher cada vez mais se mostra interessada em ocupar seu lugar no mercado de trabalho, sem que isso represente necessariamente um prejuízo às suas funções parentais. Também o homem tem sido cada vez mais convocado a assumir a sua função de pai e esposo para além do sustento da casa, o que possibilita a emergência de um casal mais flexível e igualitário em termos de direitos e deveres (Borsa & Nunes, 2011; Vieira et al., 2014). A respeito disso, sabemos que, atualmente, há a coexistência tanto de famílias mais tradicionais que delegam à mulher apenas o cuidado com a casa e os filhos, quanto de famílias mais modernas que englobam a mulher não só como parte da geração de renda, mas, muitas vezes, como a única provedora da casa (França & Schimanski, 2009).

Cada um vai mudando, porque, de acordo a família vai crescendo, de acordo cê vai mudando, porque se nasce um filho, você vai ter uma responsabilidade a mais, além da mulher que cê tem, um filho. Se nasce dois, é mais outra responsabilidade e aí é como se diz, muda, muda sim. Se a gente já tem responsabilidade, depois que nasce um filho aí é que a responsabilidade dobra, porque aí você vai ter outra responsabilidade e correr atrás de esteio, não deixar seu filho passar necessidade. Como se diz, cê tem que correr atrás de uma coisa, de outra, então a responsabilidade vai lá pra frente, cada vez mais aumenta (Marido 16, 58 anos).

Quando se exerce o papel parental, as mudanças ocorrem à medida que os filhos vão exigindo adaptações e novas atitudes dos pais para que o cuidado e a educação aconteçam. Um dos principais atributos do exercício parental é a responsabilidade, que deve vir quase como um pré-requisito nesse contexto. Com o passar do tempo, vemos que as exigências dos filhos, muitas vezes, apontam para caminhos tortuosos, que exigirão uma postura firme e responsável dos pais, sem que necessariamente impliquem em autoritarismo. É um cuidar que exige bastante “jogo de cintura”.

Mudar, muda, porque é como se diz, vou fazer que nem a história, a gente já, quando nasce um filho, a gente já muitas coisas que a gente já tinha quando era dois, a partir do momento em que nasce um filho já muda, porque muitas vezes você quer sair, mas já tem um filho, aí fala: “Ah, não vou sair porque eu tenho que cuidar da criança”, né (Marido 16, 58 anos).

A vida a dois ganha outras características ao integrar uma criança na família. As exigências acabam mudando e, com isso, o casamento vai se transformando também. No excerto de fala apresentado, notamos como o cuidar dos filhos pode se transformar em um fator de preocupação quanto à alteração da rotina do casal. Muitas vezes, o casal terá que se privar de muitos prazeres e atividades para poder cuidar dos filhos, o que exige preparo e maturidade dos pares para poderem passar bem por essa fase. A parentalidade aqui acaba por ocupar um lugar de interveniente na conjugalidade. O espaço da conjugalidade, portanto, deverá ser flexível para abarcar as exigências que emergem com a parentalidade, de modo que o ser casal também possa ser pai e mãe, ampliando os papéis familiares (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2013; Féres-Carneiro & Magalhães, 2014). Essas responsabilidades com os filhos estão muito presentes nos casais longevos, mesmo no caso em que os descendentes já são adultos e casados.

A imagem do casal parental como cuidador e exemplo para os filhos resiste ao longo do tempo, o que pode representar também um ônus para os filhos, haja vista que os mesmos podem se sentir pressionados a seguirem um modelo criado e perpetuado pelos pais. Obviamente que esse modelo não faz referência, necessariamente, à satisfação conjugal, mas à existência de um casamento que comporte a existência de filhos e permita que os mesmos conheçam bons exemplos a serem seguidos.

### **Exercício da parentalidade como dimensão a ser admirada pelo parceiro**

Esse eixo temático trata do modo como os cônjuges admiram seus parceiros pela maneira com que exercem a função parental, ou seja, admiram seus parceiros pelo modo como são pais e mães. As expectativas em torno de ser um “bom pai” ou uma “boa mãe” estão presentes nas falas dos entrevistados, de modo que exercer adequadamente a parentalidade parece ser um componente importante na manutenção do casamento justamente por evocar a admiração do outro.

Porque o meu marido, graças a Deus, é um grande pai, um grande marido, um grande companheiro, tenho nada que dizer... Eu falo assim, que se um dia eu ficasse moça de novo e eu tivesse que casar e eu conhecesse ele, eu casava de novo. Então a nossa vida é assim, com nossas filhas criada, tudo casada, com nossos netinhos, nossos genros, tudo uma bênção e eu sempre falo assim: “Eu não peço mais nada pra Deus, eu só agradeço” (Esposa 14, 53 anos).

O exercício da parentalidade é exigente e demanda muito dos responsáveis. Muitas vezes, o desempenho desse papel é alvo de admiração pelo parceiro, afinal, educar é uma tarefa complexa. No trecho anterior, percebemos claramente a admiração da esposa pelo marido, que não é somente um grande pai, segundo ela, mas também um grande companheiro. O atributo “bom pai” aparece como uma característica esperada do “bom esposo”, de modo que não se poderia ser um bom parceiro se a parentalidade não fosse adequadamente experienciada e assumida pelo cônjuge.

Novamente observamos a parentalidade interferindo na conjugalidade, agora corporificando uma característica que deve ser expressa pelo esposo, um atributo desejável para o adequado desempenho da função de cônjuge. A experiência da paternidade vem sendo cada vez mais investigada na literatura, dando início à concepção de um novo pai, mais presente, ciente de seus compromissos e também das exigências emocionais que permeiam a construção desse papel social (Colleti & Scorsolini-Comin, 2015; Vieira et al., 2014). Estar mais presente no ambiente doméstico e mais atento às necessidades dos filhos também pode aproximar esse homem das necessidades expressas pela esposa. Ser mais cuidadoso com os filhos pode acompanhar uma postura de maior envolvimento com a esposa, motivo pelo qual o exercício da paternidade é reconhecido como característico do bom cônjuge.

A admiração pelo exercício da parentalidade também transparece neste trecho de fala em que a esposa considera o marido um grande pai, por ele manifestar um grande carinho com os filhos, além de exercer não apenas um papel de provedor e de autoridade, mas também de amigo dos seus filhos: “O que eu mais admiro? É... o carinho que ele tem com os filhos dele... porque eu acho... eu

*desconheço um pai que tenha a amizade que ele tem com os filhos dele... é demais*" (Esposa 19, 54 anos).

O atributo da parentalidade pode representar a capacidade que o outro possui de cuidar e de responsabilizar-se por sua prole. Ao notar que o cônjuge desempenha bem essa função, há a possibilidade de que o mesmo ocorra no âmbito do relacionamento conjugal. O movimento contrário também pode ser verdadeiro, à medida que um bom parceiro poderia se tornar um bom pai ou uma boa mãe.

Nesse ponto, podemos retomar que, à época em que esses casais se uniram, ou seja, há mais de 30 anos, os valores professados no âmbito familiar estavam mais diretamente associados ao exercício da parentalidade como elemento central na delimitação do conceito de família, por exemplo. Ser pai e mãe, portanto, poderia definir que se tratava de uma família, até mais do que o exercício exclusivo da conjugalidade, o que vem sendo repensado contemporaneamente (Zornig, 2010). Valorizar o papel do bom pai era, desse modo, garantir também a possibilidade de que o mesmo se tornasse um bom marido, atento às expectativas e necessidades tanto da prole como da esposa. Em uma visão mais tradicional, o exercício parental assume uma posição de maior destaque para a satisfação conjugal a partir da expectativa de que um pai que exerce adequadamente o seu papel tenderia a realizá-lo também em termos da conjugalidade. Tal consideração poderia orientar o modo como esposos e esposas construiriam os atributos do parceiro ideal, o que se baseia, obviamente, nos estereótipos e papéis sociais mais valorizados, difundidos e reforçados em nossa sociedade e em dado momento histórico.

### Considerações finais

A partir desses achados, podemos compreender que a parentalidade exerce importante papel na conjugalidade de longa duração. Ao mesmo tempo em que pode constituir um foco de potenciais conflitos entre o casal pelas exigências inerentes à tarefa e às possíveis discordâncias em relação à educação e criação dos descendentes, também representa um fenômeno percebido como importante complemento da relação de casal. Além disso, a parentalidade mostra-se como uma exigência para os casais longevos, de modo que ser pai e mãe parece ser função que estaria associada inequivocamente à conjugalidade, não se concebendo a ideia de um casal ser feliz sem a presença de filhos.

Isso nos leva a considerar que a conjugalidade de longa duração, justamente por atravessar um vínculo constituído há mais de 30 anos, alimenta alguns valores tradicionais, abrindo poucos espaços para a experimentação de novos papéis e de possibilidades de releituras acerca do que é ser família. Ser família, na opinião desses casais, é ser um casal que cuida de filhos, de modo que a conjugalidade estaria sustentada na complementação oferecida pela parentalidade, recaindo sobre esta uma grande responsabilidade sobre a manutenção dos relacionamentos afetivos do casal. A parentalidade é empregada tanto como forma de justificar a existência do relacionamento, como condição para que o relacionamento perdure com o passar do tempo.

O adequado exercício parental acaba sendo compreendido como uma característica desejada para a escolha do parceiro e para a continuação do relacionamento, de modo que, entre as características de um bom cônjuge, está implícita a representação de um "bom pai" ou de uma "boa mãe". Essas representações são cravadas na experiência dos entrevistados e atravessam o modo como os discursos sobre o casamento são articulados. Essa consideração aponta para a necessidade de termos mais estudos que considerem a relação entre conjugalidade e parentalidade. Ainda não existem evidências suficientes que nos permitam afirmar diferenças ou semelhanças entre casais de longa duração e outros engajados em relacionamentos mais recentes no que se refere especificamente ao modo como a parentalidade é expressa na conjugalidade, o que pode ser conduzido em estudos vindouros. O que podemos concluir, a partir do presente estudo, é que os casais de longa duração associam o casamento à parentalidade de modo inequívoco e destacam a necessidade de representarem exemplos adequados para os filhos, não apenas em termos de como deve ser um casamento, mas em termos das experiências de vida que atravessam o modo como os filhos são criados e educados.

Ao final desse percurso compreensivo, podemos apontar que o presente estudo traz avanços no conhecimento já produzido por compor uma pesquisa qualitativa com uma amostra robusta, o que impõe diversas dificuldades, entre as quais, a capacidade de sistematização dos resultados. Essa tentativa de realizar um estudo mais amplo, mantendo a característica de um delineamento qualitativo, pode ter obscurecido algumas particularidades dos discursos trazidos pelos casais. Outra limitação é o fato de os participantes terem sua origem em apenas dois Estados da região Sudeste, desconsiderando a possibilidade de diálogo profícuo com diferentes realidades e características sociodemográficas. Como contribuição aos estudos vindouros, destacamos a consideração de que a parentalidade parece ser uma variável potente no sentido de construir continuamente a conjugalidade ao longo do tempo. A parentalidade apresenta desafios, responsabilidades e conflitos que são assumidos pelo casal como tarefa compartilhada, o que acaba repercutindo no esvanecimento conjugal, em alguns casos, mas também no fortalecimento das imagens positivas, associadas aos cônjuges que são, também, pais e mães.

## Referências

- Alby, V. J. & Vives, J. M. (2015). Parentalité et paternité: les nouvelles modalités contemporaines du 'faire famille'. *Dialogue*, 207(1), 19-30.
- Barroso, R. G. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psicologica*, (52-1), 211-229.
- Bem, L. D. & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 63-71.
- Borsa, J. C. & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação – Psicanálise dos vínculos: Casal, família, grupo, instituição e campo social*. (E. D. Galery, Trad.). São Paulo, SP: Vetor.
- Cecílio, M. S. & Scorsolini-Comin, F. (2013). Relações entre conjugalidade e parentalidades adotiva e biológica. *Psico*, 44(2), 245-256.
- Colleti, M. & Scorsolini-Comin, F. (2015). Pais de primeira viagem: a experiência da paternidade na meia-idade. *Psico* (Porto Alegre), 46(3), 374-385.
- Costa, C. B. & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16-31.
- Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2009). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (pp. 24-32). Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio.
- Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2014). Transformations de la parentalité: la clinique auprès de familles séparées et de familles reconstituées. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 18, 104-121.
- França, A. L. D. & Schimanski, É. (2009). Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. *Emancipação*, 9(1).
- Hintz, C. & Baginski, P. H. (2012). Vínculo conjugal e transição para a parentalidade: fragilidades e possíveis superações. *Revista Brasileira de Terapia de Família*, 4(1), 10-22.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Landis, M., Peter-Wight, M., Martin, M., & Bodenmann, G. (2013). Dyadic coping and marital satisfaction of older spouses in long-term marriage. *GeroPsych: The Journal of Gerontopsychology and Geriatric Psychiatry*, 26(1), 39-47.
- Meihy, J. C. S. B., & Holanda, F. (2010). *História oral: Como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspectiva da Psicologia Positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103-118.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 311-319.
- Sandberg, J. G., Miller, R. B., Harper, J. M., Robila, M., & Davey, A. (2009). The impact of marital conflict on health and health care utilization in older couples. *Journal of Health Psychology*, 14(1), 9-17.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). Avaliação dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade: o construto percepção dos filhos sobre a

conjugalidade dos pais. In S. M. Barroso, F. Scorsolini-Comin, & E. Nascimento (Orgs.). *Avaliação psicológica: da teoria às aplicações* (pp. 154-186). Petrópolis, RJ: Vozes.

Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470.

*Recebido em 19/10/15*

*Aceito em 19/01/16*

---

*Talita Cristina Grizólio*: Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Bolsista de iniciação científica da Fapemig e do CNPq.

*Fabio Scorsolini-Comin*: Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Realizou Pós-doutorado Júnior com apoio do CNPq.

*Manoel Antônio dos Santos*: Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Bolsista de produtividade de pesquisa do CNPq.